

APOSTA DE ALTO RISCO

Com o mercado europeu deprimido e o desemprego crescente, o governo queima seus trunfos políticos num ambiente nacional de tensão crescente

por Flávio Diegues

A QUEDA, EM JULHO, de quase 1% da produção industrial alemã arrefeceu a onda de otimismo construída durante o ano em torno da segunda maior economia mundial, que teve um crescimento de 2,2% no segundo trimestre. Tal cifra virou manchete em todo o mundo, transformada em 8,8% "anualizados" - numa mera multiplicação por quatro.

Julho, no entanto, trouxe o país de volta à realidade. A indústria voltou a andar para trás, e, afinal, os 2,2% apenas diminuíram um pouco a queda acumulada da produção, que é da ordem de 5% desde o segundo trimestre de 2008.

O prognóstico não é tranquilo: quase

todo o pouco crescimento de 2009 foi obtido às custas de gastos públicos, que foram utilizados para cobrir saldos negativos dos bancos e das grandes empresas. De uma dívida pública já absurda em 2008 de 66% do PIB, a estimativa é saltar para 88% este ano.

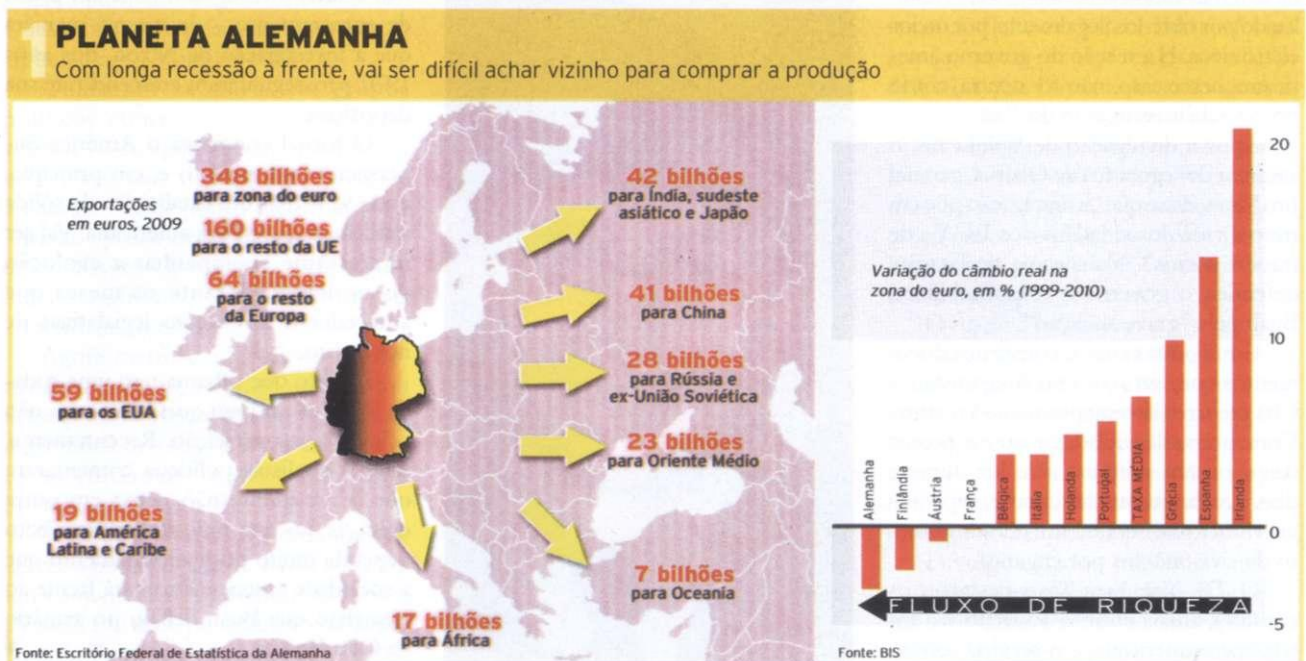
A economia vem oscilando em torno de oportunidades pontuais. Um mês cresce, outro, não. Houve um salto de produção industrial de 4% em abril, em grande parte graças a um aumento espetacular das exportações para a China — 80% nos últimos doze meses.

Mas a China dificilmente poderá absorver a produção alemã em volume

ainda maior. Outras grandes economias, como a americana, também disputam o mercado chinês. E a indústria chinesa conta com as vendas no mercado interno para manter seu próprio crescimento. Além disso, é mais provável que, daqui para frente, em vez de absorver a produção alemã, a China passe a competir com ela em vários mercados mundiais.

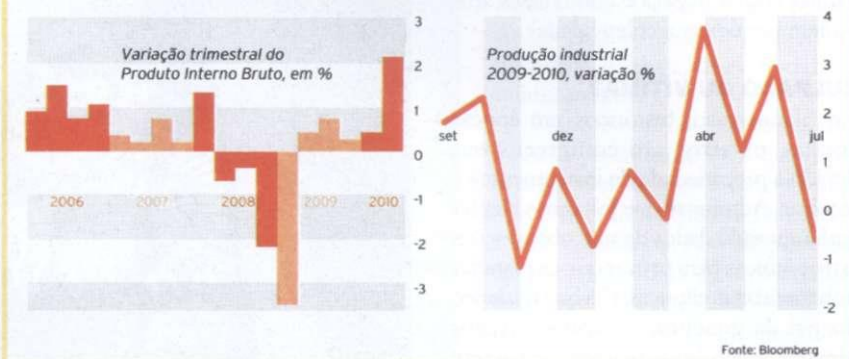
FMI: CRISE ATÉ 2014

Isso sugere que a aposta alemã face à crise foi de alto risco. Na Europa, por exemplo, em vez de procurar fortalecer o mercado comum — responsável por mais da metade do PIB alemão —, o governo



2 TEM QUE SER MUITO OTIMISTA

O gasto público deu um gás, mas acaba em dezembro, e a indústria voa baixo



da chanceler Angela Merkel ajudou a empurrá-lo para a depressão. E fez o mesmo em casa: seu mercado interno está deprimido por causa das demissões e reduções de salário.

No fim do ano termina a pequena ajuda do governo às vendas — na forma de crédito ao consumo, corte de impostos e auxílio-desemprego. A tendência é de muita dificuldade para a maioria das 3,6 milhões de empresas, muitas delas familiares e pequenas.

Essa maioria é inclusive parte da base de apoio do governo, mas não está entre as 60 mil maiores que o governo pretende apoiar no período recessivo — que deve se estender ao menos até 2014, na avaliação do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Merkel parece apostar que, depois da crise, terá um aparelho produtivo enxuto e altamente competitivo. Bem antes do baque de 2008, ela já vinha promovendo forte concentração de capital, por meio de fusões que elevaram a lucratividade à custa de falências e desemprego crescente.

Mas, embora não exista grande mobilização popular contra essa opção econômica, ela já teve seu custo político. Desde o ano passado, a popularidade da União Democrata Cristã (CDU, na sigla alemã) caiu significativamente.

E o Partido Social Democrata (SPD) ganhou apoio depois de romper a coligação de governo nas vésperas das eleições de setembro de 2009. Merkel também foi rejeitada pelo Partido Verde, que subiu nas pesquisas. Assim, teve de se

aliar ao Partido Democrata Livre (FDP), ultraconservador.

Os conglomerados bancários e empresariais europeus apoiam a chanceler. "O resultado [da política do governo] vai ajudar a reduzir o déficit alemão e a promover um clima no qual a Alemanha poderá ajudar outros países da zona do euro", disse Julian Callow, do Barclay Capital, ao *Financial Times*.

CHINA SALVOU O ANO

Mas os próprios empresários alemães não têm tanta certeza. "Sem a China dificilmente teríamos tido [este ano] essa recuperação", avaliou, em agosto, para o mesmo jornal, um dos líderes das indústrias de engenharia do país, Hannes Hesse. "É uma tendência assustadora." Ele lembra que as exportações caíram 18% em 2009.

O resultado dessa tensão, aparentemente, começa a pipocar de maneira

“Tem janelas quebradas na escola do meu filho, mas bilhões são desperdiçados aqui.”

inesperada, como se viu em Stuttgart na última semana de agosto passado, em um protesto local contra a demolição da antiga estação ferroviária. O objetivo é construir uma sofisticada estação subterrânea, ao custo de 5 bilhões de dólares, financiada pelo governo.

O jornal *Stuttgarter Nachrichten* escreveu que 63% da cidade é contra o projeto. Inicialmente restrito, diz o jornal, o protesto durou uma semana, ao cabo da qual a polícia precisou usar de força para controlar a exaltação de dezenas de milhares de pessoas.

O *Stuttgarter* descreveu o ânimo popular mencionando que senhoras idosas gritavam obscenidades para a polícia. E procurou dar o tom da oposição ao projeto — visto como desnecessário —, citando a manifestante Angelika Schroeder: "tem janelas quebradas na escola do meu filho, mas bilhões são desperdiçados aqui".

3 QUEM SAIU FORA, CRESCER

A oposição não cresce à toa: o trabalho é muito mais escasso do que parece

